

Harlan Coben

# JOGADA MORTAL



ARQUEIRO

– **CESAR ROMERO** – disse Myron.

Win olhou para ele.

– Você só pode estar de brincadeira.

– Estou começando com uma fácil.

Na quadra, os jogadores trocavam de lado. O cliente de Myron, Duane Richwood, vencia de lavada o cabeça de chave número 15, Ivan Sei-lá-o-kov, ganhando o terceiro set por 5-0 depois de levar os dois primeiros por 6-0 e 6-2. Uma estreia impressionante no Aberto dos Estados Unidos para um jogador de 21 anos que não encabeçava qualquer chave e acabara de surgir das ruas de Nova York (literalmente).

– Cesar Romero – repetiu Myron. – Se não souber, pode falar.

Win deu um suspiro.

– Coringa.

– Frank Gorshin.

– Charada.

Pausa de 90 segundos para o intervalo comercial. Myron e Win estavam matando o tempo testando suas habilidades numa partida de “Vilões do *Batman*”. A série de TV. Estrelando Adam West, Burt Ward e todos aqueles balões de “Pow”, “Bam” e “Slam”. O *Batman de verdade*.

– Quem interpretou o segundo? – perguntou Myron.

– O segundo Charada?

Myron assentiu.

Do outro lado da quadra, Duane Richwood lhes lançou um sorriso pretenso. Ele usava óculos de sol estilo aviador com uma armação verde fluorescente espalhafatosa. O último modelo da Ray-Ban. Duane nunca os tirava. Os óculos escuros não apenas o identificavam como eram praticamente sua marca registrada. O que deixava os executivos da Ray-Ban muito felizes.

Myron e Win estavam sentados em um dos dois camarotes reservados para celebridades e para os respectivos séquitos dos jogadores. Na maioria das partidas, não sobrava um só lugar ali. Na noite anterior, quando Andre Agassi jogara, seu camarote tinha ficado lotado de parentes, amigos, puxa-sacos, rabos de saia, astros de cinema ecologicamente corretos e mulheres com megahair. Mais parecia uma festa nos bastidores de um show do Aerosmith. No camarote de Duane, no entanto, só havia três pessoas: o agente Myron, o consultor financeiro Win e

seu técnico, Henry Hobman. Wanda, o amor de sua vida, estava nervosa demais e tinha preferido ficar em casa.

– John Astin – respondeu Win.

Myron assentiu outra vez.

– E quanto a Shelley Winters?

– Ma Parker.

– Milton Berle.

– Louie Lilás.

– Liberace.

– Chandell.

– E?

Win pareceu intrigado.

– E o quê?

– Que outro vilão Liberace interpretou?

– Do que você está falando? Liberace só apareceu naquele episódio.

Myron se recostou e sorriu.

– Tem certeza?

No seu lugar ao lado da cadeira do juiz, Duane bebia alegremente uma garrafa de água mineral Evian. Ele a segurava de modo que o nome do patrocinador ficasse bem à mostra para as câmeras de TV. Garoto esperto. Sabia como agradar o patrocinador. Pouco antes, Myron havia conseguido um contrato simples com a gigante da indústria de água mineral: durante o Aberto dos Estados Unidos, Duane só beberia Evian em garrafas com rótulo. Em troca, a empresa lhe pagara 10 mil dólares. Isso valia para a água. Myron estava negociando com a Pepsi o refrigerante que Duane beberia e, com a Gatorade, o isotônico.

Ah, o tênis.

– Liberace só apareceu naquele episódio – anunciou Win.

– Essa é sua resposta final?

– Sim. Liberace só apareceu naquele episódio.

Henry Hobman continuava analisando a quadra, esquadrinhando-a com uma concentração feroz, os olhos indo de um lado para outro. Pena que ninguém estivesse jogando.

– Henry, quer dar um palpite?

Henry os ignorou. Até aí, nada de novo.

– Liberace só apareceu naquele episódio – repetiu Win, empinando o nariz.

Myron fez um zumbido baixinho com a boca.

– Sinto muito, resposta incorreta. O que temos para o nosso participante, Don? Bem, Myron, Windsor vai ganhar a versão de tabuleiro do nosso jogo e

um estoque de um ano de cera para carros Turtle Wax. Obrigado por participar do nosso programa!

Win continuou impassível.

– Liberace só apareceu naquele episódio.

– Esse é o seu novo mantra?

– Até você provar o contrário.

Win, ou Windsor Horne Lockwood III, juntou as pontas dos dedos de unhas benfeitadas. Ele fazia isso bastante, essa pirâmide com as mãos. Combinava com ele. A aparência de Win também não destoava do nome. Um representante perfeito da classe dominante norte-americana: branco, anglo-saxão e protestante. Tudo nele transpirava elitismo, arrogância, festas de gala, debutantes com nomes como Babs usando suéteres com monogramas e colares de pérolas, martínis em clubes privados, família rica e tradicional – seus cabelos louros e lisos, seu rosto aristocrata de menino bonito, sua pele branca como leite, seu sotaque inglês. Porém, no caso de Win, algum tipo de anomalia genética conseguira se esgueirar por gerações e gerações de boa educação. Em certos aspectos, Win era exatamente o que parecia ser. Mas em muitos outros – e às vezes de forma bastante assustadora – ele não era.

– Estou esperando – disse Win.

– Você se lembra de Liberace interpretando Chandell? – perguntou Myron.

– Claro.

– Mas se esqueceu de que ele também interpretou Harry, o irmão gêmeo malvado de Chandell. No mesmo episódio.

Win fez uma careta.

– Você só pode estar brincando.

– Por quê?

– Irmãos gêmeos malvados não contam.

– Cadê a regra que diz isso?

Win jogou o queixo protuberante para a frente daquele seu jeito peculiar.

A umidade era tanta que dava para senti-la na pele, principalmente naquele estádio abafado no Flushing Meadows Park. O estádio, estranhamente batizado em homenagem a Louis Armstrong, estava mais para um outdoor gigante que por acaso tinha uma quadra de tênis. Um anúncio da IBM ficava em cima do painel que media a velocidade dos saques. Um relógio da Citizen marcava tanto as horas quanto o tempo de partida. O logotipo da Visa estava estampado atrás da linha de fundo. Reebok, Infiniti, Fuji Film e Clairol disputavam qualquer espaço livre restante. Sem falar da Heineken.

Heineken, a cerveja oficial do Aberto dos Estados Unidos.

A plateia era uma mistura geral. Lá embaixo, nos melhores lugares, ficavam

as pessoas que tinham dinheiro. Mas, no quesito roupas, valia tudo. Alguns usavam terno e gravata (como Win), outros vestiam algo mais informal, estilo Banana Republic (como Myron), e outros ainda, jeans ou shorts. Mas os favoritos de Myron eram os torcedores que apareciam vestidos de tenista dos pés à cabeça: camisa, short, meias, tênis apropriados, casaco, faixa na testa e raquete. Raquete. Como se fossem ser chamados para jogar. Como se Pete Sampras, Steffi Graf ou algum outro jogador fosse apontar de repente para a arquibancada e dizer: “Ei, você com a raquete. Preciso de um parceiro.”

Era a vez de Win.

– Roddy McDowall – começou ele.

– O Traça.

– Vincent Price.

– Cabeça de Ovo.

– Joan Collins.

Myron hesitou.

– Joan Collins? Que fez aquela novela, *Dynasty*?

– Eu me recuso a dar dicas.

Myron repassou os episódios em sua mente. Na quadra, o juiz anunciou:

– Tempo.

O intervalo comercial de 90 segundos havia acabado. Os tenistas se levantaram. Myron não tinha certeza, mas achou ter visto Henry piscar.

– Desiste? – perguntou Win.

– Shhh. Eles já vão voltar a jogar.

– E você ainda se considera um fã de *Batman*.

Os jogadores se posicionaram na quadra. Eles também eram outdoors, porém menores. Duane usava calçados e roupas da Nike. Sua raquete era da marca Head. Logotipos do McDonald's e da Sony enfeitavam as mangas da camisa. Seu adversário usava Reebok. Os logotipos dele eram da Sharp e da Bic. Bic. A empresa de canetas e lâminas de barbear. Como se alguém fosse assistir a uma partida de tênis, ver a marca e comprar uma caneta.

Myron se inclinou na direção de Win.

– OK, desisto – sussurrou ele. – Qual vilã Joan Collins interpretou?

Win deu de ombros.

– Não lembro.

– O quê?

– Sei que ela apareceu em um episódio. Mas esqueci o nome da personagem.

– Aí não vale.

Win sorriu com seus dentes brancos perfeitos.

– Cadê a regra que diz isso?  
– Você precisa saber a resposta.  
– Por quê? – rebateu Win. – Os apresentadores dos programas de perguntas da TV precisam saber todas as respostas?

Silêncio.

– Bom argumento, Win. Sério.

– Obrigado.

– A Sereia – anunciou outra voz.

Myron e Win olharam ao redor. O som parecia ter vindo de Henry.

– Você disse alguma coisa?

A boca de Henry nem parecia se mover.

– A Sereia – repetiu ele, os olhos ainda grudados na quadra. – Joan Collins interpretou a Sereia. No *Batman*.

Myron e Win se entreolharam.

– Ninguém gosta de sabichões, Henry.

Talvez a boca de Henry tivesse se movido. Talvez ele houvesse dado um sorriso.

Na quadra, Duane abriu o game com um ace que quase fez um buraco em um gandula. O velocímetro da IBM registrou 206 quilômetros por hora. Myron balançou a cabeça, incrédulo. Ivan Não-sei-o-quê fez o mesmo. Duane se preparava para fazer seu segundo ponto quando o celular de Myron tocou.

Ele o apanhou depressa. Não era o único na arquibancada falando ao celular. Mas era o único na primeira fila. Já ia desligar quando percebeu que poderia ser Jessica. Só de pensar nela, seu pulso acelerou um pouco.

– Alô.

– Não é a Jessica.

Era Esperanza, sua assistente.

– Não achei que fosse.

– Ah, tá – disse ela. – E você sempre atende o telefone parecendo um cachorrinho chorão.

Myron agarrou o aparelho. A partida continuara sem interrupção, mas rostos irritados se viravam em busca do dono do celular desrespeitoso.

– O que você quer? – sussurrou ele. – Estou no estádio.

– Eu sei. Aposto que está parecendo um babaca metido. Falando ao celular no meio da partida.

Agora que ela falou...

Os rostos irritados já haviam se tornado punhais apontados em sua direção. Aos olhos daquelas pessoas, Myron cometera um pecado imperdoável. Como molestar uma criança. Ou usar o garfo da salada para comer a entrada.

– O que você quer?

– Você está aparecendo na televisão. Nossa, é verdade.

– O quê?

– A câmera realmente deixa as pessoas mais gordas.

– O que você quer?

– Nada de mais. Achei que fosse querer saber que consegui uma reunião com Eddie Crane para você.

– Mentira.

Eddie, um dos tenistas juniores mais promissores do país. Ele estava negociando apenas com as quatro maiores agências: ICM, TruPro, Advantage International e ProServ.

– Estou falando sério. Ele e os pais estarão esperando por você na quadra 16 depois da partida de Duane.

– Eu te amo, sabia?

– Então me dê um aumento – disse ela.

Duane soltou uma direita certeira: 30-0.

– Mais alguma coisa? – perguntou Myron.

– Nada importante. Valerie Simpson. Ela ligou três vezes.

– O que ela queria?

– Não quis dizer. Mas a Rainha do Gelo me pareceu abalada.

– Não a chame assim.

– Tá, que seja.

Myron desligou. Win olhou para ele.

– Problemas?

Valerie Simpson. Um caso estranho, mas também triste. A ex-prodígio do tênis tinha visitado o escritório de Myron dois dias antes procurando alguém, qualquer um, para representá-la.

– Acho que não.

Duane havia feito 40-0. **Terceiro match point.** Bud Collins, o famoso colunista esportivo especializado em tênis, já estava esperando perto da quadra para uma entrevista. A calça de Bud, sempre uma tentativa arriscada e multicolorida de parecer fashion, era especialmente horrorosa naquele dia.

Duane pegou duas bolas com o gandula e foi até a linha de fundo. Ele era um artigo raro no tênis. Um negro. Não havia nascido na Índia, na África ou na França. Era da cidade de Nova York. Ao contrário de praticamente todos os outros jogadores no torneio, não passara a vida inteira se preparando para aquele momento. Não havia sido forçado a jogar por pais ambiciosos e oportunistas. Não recebera orientação dos melhores treinadores do mundo na Flórida ou na

Califórnia desde que tinha idade suficiente para segurar uma raquete. Duane estava no extremo oposto disso tudo: um garoto que havia fugido de casa aos 15 anos e conseguido, de alguma forma, sobreviver sozinho nas ruas. Aprendera a jogar tênis nas quadras públicas. Ficava por lá o dia inteiro e desafiava qualquer um que soubesse segurar uma raquete.

Estava prestes a ganhar sua primeira partida em um torneio de Grand Slam quando houve o disparo.

O barulho chegou abafado. Viera de fora do estádio. A maioria das pessoas não entrou em pânico, imaginando que tivesse sido uma bombinha ou o escapamento de um carro. Myron e Win, no entanto, estavam mais do que acostumados a ouvir aquele som. Já estavam de pé e em movimento antes dos gritos. Um burburinho começou a percorrer a multidão. Em seguida vieram gritos. Altos, histéricos. O juiz, em sua infinita sabedoria, solicitou impacientemente em seu microfone que as pessoas, por favor, fizessem silêncio.

Myron e Win subiram correndo a escadaria de metal. Saltaram por sobre a corrente branca que impedia que as pessoas entrassem ou saíssem da quadra enquanto os jogadores trocavam de lado e seguiram às pressas. Uma pequena multidão começava a se formar no que as pessoas chamavam, generosamente, de “praça de alimentação”. Com bastante trabalho e paciência, a praça de alimentação esperava um dia chegar ao nível gastronômico, digamos, de um shopping.

Eles atravessaram a multidão aos empurrões. Algumas pessoas estavam de fato histéricas, mas outras nem sequer tinham se movido. Afinal, estamos falando de Nova York. As filas para bebidas eram longas. Ninguém queria perder o lugar.

A garota estava caída de cara no chão em frente a uma barraca que servia champagne a 7,50 dólares a taça. Myron a reconheceu de imediato, mesmo antes de se agachar e virá-la de barriga para cima. Mas, ao ver o rosto dela, os olhos azuis gelados encarando-o de volta no último e imutável olhar da morte, seu coração afundou no peito. Ele olhou para Win. O amigo, como sempre, mantinha-se impassível.

– Agora é que ela não vai mais voltar.

## 2

– **T**ALVEZ FOSSE MELHOR VOCÊ deixar isso pra lá – disse Win.

Ele deu uma guinada com seu Jaguar para pegar a FDR Drive e seguiu na direção sul. O rádio estava sintonizado na 105,1 FM, que tocava o que chamavam de “soft rock”. Michael Bolton cantava uma versão de um clássico dos Four Tops.

Horrível. Como se colocassem uma sexagenária no papel principal do *remake* de um filme de Marilyn Monroe.

Talvez “soft rock” significasse “rock ruim de doer”.

– Posso tirar dessa rádio? – perguntou Myron.

– Por favor.

Win puxou bruscamente o volante para mudar de pista. Em termos muito sutis, seu jeito de dirigir poderia ser descrito como criativo. Myron tentou não dar atenção a isso. Escolheu a trilha sonora de uma peça da Broadway. Como Myron, Win tinha uma coleção imensa de musicais antigos. No som, Robert Morse começou a cantar algo sobre uma garota chamada Rosemary. Mas era uma garota chamada Valerie Simpson que Myron não conseguia afastar do pensamento.

Valerie estava morta. Uma bala no peito. Alguém a havia baleado na praça de alimentação durante o jogo de abertura do único Grand Slam de tênis dos Estados Unidos. E, mesmo assim, ninguém tinha visto nada. Ou pelo menos ninguém queria falar.

– Você está fazendo aquela cara – avisou Win.

– Que cara?

– Sua cara de “quero salvar o mundo” – disse Win. – Ela não era sua cliente.

– Mas iria ser.

– A diferença é grande. O que aconteceu com ela não é da sua conta.

– Ela me ligou três vezes hoje – informou Myron. – Deve ter ido ao estádio porque não conseguiu falar comigo. E então foi baleada e morta.

– Uma história triste – refletiu Win. – Mas que não é da sua conta.

O velocímetro oscilava em torno dos 130 quilômetros por hora.

– Hã, Win?

– Que foi?

– O lado esquerdo da estrada. É contramão.

Win girou o volante, cruzou duas pistas e pegou uma rampa. Minutos depois, o Jaguar entrava no estacionamento Kinney pela Rua 52 e eles deixavam as chaves com Mario, o atendente. Estava quente em Manhattan. O tipo de calor que só se sente na cidade. As calçadas queimavam os pés das pessoas como se elas estivessem descalças. A fumaça dos canos de descarga ficava presa na umidade, pendendo no ar como frutas em uma árvore. Era difícil respirar e fácil transpirar. O segredo era tentar suar o mínimo possível enquanto se andava pelas ruas e torcer para que as roupas secassem – sem lhe causar uma pneumonia – quando você chegasse a um lugar com ar-condicionado.

Myron e Win seguiram pela Park Avenue na direção sul, rumo ao prédio da Lock-Horne Seguros e Investimentos, o arranha-céu que pertencia à família de

Win. O elevador parou no 12º andar. Myron saiu. Win continuou lá dentro. Seu escritório ficava dois andares acima.

Antes que a porta do elevador fechasse, Win disse:

– Eu a conhecia.

– Quem?

– Valerie Simpson. Fui eu quem disse a ela para procurar você.

– E por que não falou nada?

– Não vi motivo.

– Vocês eram próximos?

– Depende da sua definição de próximo. Ela vem de uma família rica da Filadélfia. Como a minha. Éramos sócios dos mesmos clubes, financiávamos as mesmas instituições beneficentes, esse tipo de coisa. Às vezes nossas famílias passavam as férias de verão juntas quando éramos crianças. Mas não tinha notícias dela havia anos.

– Ela simplesmente ligou para você do nada? – perguntou Myron.

– Pode-se dizer que sim.

– O que você diria?

– Isso é um interrogatório?

– Não. Tem algum palpite sobre quem a matou?

Win ficou perfeitamente imóvel.

– Conversamos mais tarde – disse ele. – Tenho alguns assuntos de trabalho para resolver antes.

A porta do elevador se fechou. Myron ficou ali por um instante, como se esperasse que ela se abrisse novamente. Então atravessou o corredor e empurrou uma porta com os dizeres MB Representações Esportivas.

Esperanza ergueu os olhos de sua mesa.

– Credo, você está um trapo.

– Já ficou sabendo sobre Valerie?

Ela assentiu. Se estava sentindo algum remorso por ter chamado a garota de Rainha do Gelo pouco antes de ela ser assassinada, não deixou transparecer.

– Seu casaco está sujo de sangue.

– Eu sei.

– Ned Tunwell, da Nike, está na sala de reuniões.

– Acho que vou atendê-lo – disse Myron. – Não adianta nada ficar me lamentando.

Esperanza o encarou. Inexpressiva.

– Não precisa ficar tão preocupada – prosseguiu ele. – Estou bem.

– Estou me fazendo de dura.

A compaixão em pessoa.

Quando abriu a porta da sala de reuniões, Ned Tunwell veio na direção dele feito um bichinho de estimação feliz. Abriu um sorriso radiante, apertou a mão de Myron, deu-lhe um tapinha nas costas. O agente quase esperou que ele pulasse no seu colo e lambesse sua cara.

Ned Tunwell parecia ter uns 30 e poucos anos, mais ou menos a idade de Myron. Era sempre alto-astral, como um hare krishna que usasse anfetaminas – ou, pior, como um participante de game show da TV. Estava usando blazer azul, camisa branca, calça cáqui, gravata berrante e, é claro, tênis Nike. O novo modelo Duane Richwood. Seu cabelo era de um louro bem amarelo e ele tinha um daqueles bigodes finos que não passam de uma listra em cima da boca.

Ned finalmente se acalmou o suficiente para erguer uma fita de vídeo.

– Espere só até ver isto! – vibrou ele. – Myron, você vai adorar. É simplesmente fantástico.

– Vamos dar uma olhada.

– Estou falando, Myron, é fantástico. Simplesmente fantástico. Incrível. Saiu melhor do que eu imaginava. É de deixar as coisas que fizemos com Jim Courier e Andre Agassi no chinelo. Você vai adorar. É fantástico. Fantástico, pode crer.

A palavra-chave aqui é: *fantástico*.

Tunwell ligou a TV e colocou a fita no videocassete. Myron se sentou e tentou afastar da mente a imagem do cadáver de Valerie Simpson. Precisava se concentrar. Isto – o primeiro comercial de Duane a ser exibido em rede nacional – era importante. A imagem de um atleta era construída mais por essas campanhas publicitárias do que por qualquer outra coisa, incluindo quão bem ele jogasse e o que a mídia falasse dele. Os atletas passavam a ser definidos pelos produtos que representavam. Quantas pessoas não conheciam Michael Jordan como Air Jordan? A maioria dos torcedores não afirmaria com certeza que Larry Johnson jogava pelo Charlotte Hornets, mas saberia tudo sobre a velhinha que ele havia interpretado em um anúncio. A campanha certa poderia fazer uma carreira. A campanha errada poderia destruí-la.

– Quando vai ao ar? – perguntou Myron.

– Durante as quartas de final. Vamos partir com tudo pra cima das emissoras.

A fita acabou de ser rebobinada. Duane estava prestes a se tornar um dos tenistas mais bem pagos do mundo. Não pelas suas vitórias em quadra, embora isso também entrasse na conta, mas por causa de contratos extras. Na maioria dos esportes, os atletas de renome recebiam mais dinheiro dos patrocinadores do que de seus próprios times. No caso do tênis, muito mais. Muito mais mesmo.

Os salários dos 10 principais tenistas do mundo representavam algo em torno de 15% de sua renda. O restante vinha de publicidade, jogos de exibição e cachês – que os grandes nomes recebiam só para participar de um determinado torneio, independentemente de como se saíssem nele.

O tênis vinha precisando de sangue novo e Duane Richwood era a bolsa de transfusão mais vigorosa a surgir em anos. Jim Courier e Pete Sampras eram tão empolgantes quanto ração de cachorro. Os atletas suecos davam sono. Andre Agassi já estava deixando as pessoas enjoadas. John McEnroe e Jimmy Connors eram passado.

Então eis que chega Duane Richwood. Carismático, engraçado, um pouco polêmico, mas ainda não odiado. Ele era negro e vinha das ruas, mas o tipo de negro das ruas que era tido como “seguro”: um cara que até mesmo os racistas poderiam usar para mostrar que não eram racistas de verdade.

– Saca só essa belezinha, Myron. Essa campanha, estou falando, ela é... é simplesmente...

Tunwell olhou para cima, como se buscasse a palavra certa.

– Fantástica? – arriscou Myron.

Ned estalou os dedos e apontou para a frente.

– Você não perde por esperar. Eu fico excitado só de ver esse comercial. Porra, eu fico excitado só de *pensar* nele. Juro por Deus, ele é bom assim.

Ele apertou o PLAY.

Dois dias antes, Valerie Simpson tinha se sentado naquela mesma sala, logo depois da reunião que ele tivera com Duane Richwood. O contraste era gritante. Os dois tinham 20 e poucos anos, mas, enquanto a carreira de um estava desabrochando, a da outra já havia secado e sido arrastada pelo vento. Aos 24 anos, fazia tempo que Valerie era tachada de “ultrapassada” ou “fracasso”. Ela sempre tivera um jeito frio e arrogante (daí Esperanza chamá-la de Rainha do Gelo), ou talvez fosse apenas reservada e distraída. Era difícil saber ao certo. E, sim, Valerie era jovem, mas não exatamente – com o perdão do clichê – cheia de vida. Por mais estranho que fosse, seus olhos pareceram mais vivos depois da morte, enquanto encaravam congelados o nada, do que quando ela estivera sentada ali, de frente para ele.

Myron se perguntava por que alguém mataria Valerie Simpson. Por que ela teria tentado contatá-lo tão desesperadamente? Por que tinha ido ao estádio? Para encontrá-lo? Para assistir à partida?

– Veja só isso, Myron – repetiu Tunwell mais uma vez. – É tão fantástico que eu cheguei a gozar. Sério, juro por Deus. Bem na minha calça.

– Pena que eu perdi isso – falou Myron.

Ned deu um gritinho de prazer.

O comercial enfim começou. Duane surgiu na tela, usando seus óculos de sol e zunindo de um lado para outro em uma quadra de tênis. Vários planos rápidos, com destaque para seus pés. Muitas cores berrantes. Uma batida forte, misturada com o som de bolas de tênis sendo rebatidas para o outro lado da rede. Bem no estilo MTV. Poderia ser um videoclipe de rock. Então entra a voz de Duane: “Venha para a minha quadra..”

Mais algumas raquetadas vigorosas, mais alguns cortes frenéticos. Então tudo para de repente. Duane desaparece. A cor some e a imagem fica em preto e branco. Silêncio. A cena muda. Um juiz com expressão austera empunha seu martelo no tribunal. A voz de Duane retorna: “Ou você joga direito ou alguém enquadra você.”

O rock recomeça a tocar. A imagem torna a ficar colorida. Duane volta à tela rebatendo a bola, suado e sorrindo, seus óculos de sol refletindo a luz. Surge uma logo da Nike junto com as palavras VENHA PARA A QUADRA DE DUANE.

A tela escurece.

Ned Tunwell soltou um gemido – um gemido de prazer.

– Quer um cigarro? – perguntou Myron.

O sorriso de Tunwell dobrou de voltagem.

– Eu não falei, Myron? Hein? É ou não é fantástico?

Myron assentiu. Era bom. Muito bom. Moderno, benfeito, com uma mensagem, mas sem ser panfletário.

– Gostei – elogiou ele.

– Eu disse, não disse? Estou excitado de novo. Juro por Deus, pra você ver como eu gosto desse comercial. Sou capaz de gozar outra vez. Aqui e agora. Enquanto a gente conversa.

– Bom saber.

Tunwell teve um ataque de riso e deu um tapa no ombro de Myron.

– Ned?

As risadas de Tunwell foram sumindo como o final de uma música. Ele secou os olhos.

– Você é demais, Myron. Não consigo parar de rir. Sério, você é demais.

– É, eu sou hilário. Você ficou sabendo do assassinato de Valerie Simpson?

– Claro. Ouvi no rádio. Já trabalhei com ela, sabia?

Ele ainda estava sorrindo, seus olhos arregalados e brilhantes.

– Ela era da Nike? – perguntou Myron.

– Era. E, vou lhe contar, nos custou uma grana. Quero dizer, Valerie parecia uma aposta certa. Tinha só 16 anos quando fechamos o contrato e já havia

chegado às finais do Aberto da França. Além disso, ela era bonita, tipicamente americana e tudo o mais. E já tinha corpo, se é que você me entende. Não era uma menina bonitinha que talvez virasse uma gostosona quando ficasse um pouco mais velha, como a Jennifer Capriatti. Valerie já era um filé.

– Então qual foi o problema?

Ned Tunwell deu de ombros.

– Ela teve um colapso nervoso. Saiu em todos os jornais.

– E por quê?

– Sei lá. Tem um monte de boatos a respeito.

– Por exemplo?

Ele abriu a boca, então tornou a fechá-la.

– Nem lembro mais.

– Não lembra?

– Olha, Myron, a maioria achou que foi demais para ela, sabe? Aquela pressão toda. Valerie não aguentou o tranco. Quase nenhuma dessas crianças aguenta. Elas conseguem tudo, chegam ao topo e então, puf, acaba. Você nem imagina o que é perder tudo de uma hora... hã... – Ned foi gaguejando até parar de falar. Então baixou a cabeça. – Ah, merda.

Myron permaneceu calado.

– Não acredito que falei isso, Myron. Logo pra você.

– Tudo bem.

– Não. Olha, eu não podia ter dito uma besteira dessas...

Myron o interrompeu com um gesto.

– Uma lesão no joelho não é um colapso nervoso, Ned.

– Sim, eu sei, mas de qualquer forma... – disse. Então se deteve novamente. – Você era da Nike quando foi chamado pelo Boston Celtics?

– Não. Da Converse.

– Eles dispensaram você? Tipo, de cara?

– Não tenho do que reclamar.

Esperanza abriu a porta sem bater. Até aí, nada de novo. Ela nunca batia. Ned Tunwell voltou a sorrir na mesma hora. Era difícil colocar aquele homem para baixo. Ele olhou para Esperanza apreciando deliberadamente o que via. Como a maioria dos homens.

– Posso falar com você um segundo, Myron?

Ned acenou.

– Oi, Esperanza.

Ela se virou, ignorando-o completamente. Um de seus muitos talentos.

Myron pediu licença e a seguiu. Havia apenas duas fotografias enfeitando a

mesa de Esperanza. Uma era de sua cadela Chloe, uma bolinha de pelos muito simpática, do dia em que ganhou o primeiro lugar em uma exposição de cães. Esperanza gostava de eventos desse tipo, uma atividade não exatamente dominada por latino-americanos da periferia, embora ela parecesse se sair muito bem nela. A outra foto mostrava Esperanza brigando com outra mulher. A bela e ágil Esperanza já havia sido profissional da luta livre. Na época, era conhecida como Pequena Pocahontas, a Princesa Indígena. Durante três anos, Pocahontas foi uma das mais queridas do público da ANIL, a Associação Nossas Incríveis Lutadoras (alguém chegara a sugerir “amadas” em vez de “incríveis” no nome, mas a sigla resultante fora um problema). Ela era pura sensualidade e usava roupas tão curtas e justas (basicamente, um biquíni de camurça) que os fãs babavam enquanto ela enfrentava com bravura as piores vilãs. Era um espetáculo moralista, diziam alguns. Uma reprodução do conflito entre o Bem e o Mal. Porém, para Myron, aquelas lutas semanais pareciam filmes sobre mulheres na cadeia. Esperanza interpretava a detenta bonita e ingênua presa no pavilhão C que precisava enfrentar Olga, a supervisora sádica do presídio.

– É Duane – anunciou ela.

Myron atendeu o telefonema na mesa dela.

– E aí, Duane. O que houve?

Ele falou depressa:

– Vem pra cá, cara. Correndo.

– Qual o problema?

– Os tiras estão em cima de mim. Estão me fazendo uma porrada de perguntas.

– Sobre o quê?

– Aquela garota que morreu hoje. Eles acham que eu tenho alguma coisa a ver com a história.

### 3

– **DEIXE-ME FALAR COM O POLICIAL** – disse Myron para Duane.

A voz de outra pessoa surgiu na linha.

– Aqui é o detetive Roland Dimonte, da Divisão de Homicídios – latiu a voz com a mais pura impaciência policial. – Quem diabos está falando?

– Sou Myron Bolitar, advogado do Sr. Richwood.

– Advogado, é? Pensei que você fosse o agente dele.

– Sou os dois – disse Myron.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)